

DA PAISAGEM À SOLIDÃO: RETRATOS DA CIDADE A PARTIR DE TRÊS FILMES¹

Allana Calil Dotto Silva²

Leonardo Gomes Esteves³

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

28

Resumo: A supermodernidade molda as relações humanas a partir da velocidade, assim, notam-se novas concepções de tempo, espaço e indivíduo. Utiliza-se as noções abordadas por Augé (1994) e Costa (2015) para refletir como esses reflexos sociais são retratados na América Latina através do cinema. Parte-se da perspectiva de três obras - Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual (2011), O signo da cidade (2007) e Não por acaso (2007) - para meditar sobre essa ideia nesse conjunto de filmes.

Palavras-chave: Cidades. Cinema latino-americano. Sociedade. Perspectiva. Paisagem.

Resumo expandido

A paisagem enquanto perspectiva e meio molda, delimita e reflete as relações e comportamentos humanos no espaço contemporâneo. Assim como o mundo representado pelo cinema, “a paisagem é, portanto, o que entendemos como ‘real’” (COSTA, 2015, p. 301). A partir de Cauquelin (2007), Cosgrove (1998), Duncan (2004) e Schama (1996), Costa (2015, p. 301) define a paisagem como “sempre uma produção: seja uma pintura, um filme, um jardim, ou uma cidade”. Indo além, a paisagem é também “expressão, uma forma de ver e entender o mundo, ela não é apenas tudo que a vista abarca, mas, ao contrário, é uma forma culturalmente estabelecida de ver as coisas, um enquadramento, uma composição” (COSTA, 2015, p. 301). Dito isso, é possível afirmar que o filme enquanto cidade-paisagem, ou vice-versa, exprime o ponto de vista de uma determinada sociedade, época e local. Algo que é notável no curta-metragem *A chegada do trem na estação* (1895), dos irmãos Lumière.

A partir da limitação do enquadramento, duração do plano e toda a mise-en-scène, define-se época, sociedade, local e cultura específica: Estação de La Ciotat, França, século XIX. A eclosão de um novo século, juntamente à noção de globalização, altera a perspectiva do espaço-local como cidade, o que irá implicar na forma como a cidade será representada

¹ Trabalho apresentado à 11ª SAU UEG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

² Aluna na Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: allanacalil43@gmail.com

³ Professor orientador; Faculdade de Comunicação e Artes – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); leonardogesteves@gmail.com

no cinema. Marc Augé (2012) explica como os lugares se estabelecem na contemporaneidade e acabam afetando as relações de identidade e representação como comunidade, resultando na solidão. A supermodernidade traz consigo as figuras de excesso, a superabundância da informação e do espaço, assim como a individualização das informações. Essas características são vislumbradas no que o autor chama de “não-lugar”. Esses espaços são destinados ao trânsito acelerado “das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados ou refugiados do planeta.” (AUGÉ, 2012, p.36). Bipolarizados, assim como tudo no mundo globalizado, os não-lugares, segundo Augé, vivenciam essa realidade e a da relação dos indivíduos com esses espaços.

Tanto a globalização quanto a supermodernidade “emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade” (BAUMAN, 2008, p. 25). A exclusão da identidade é originária das figuras de excesso de Augé (2015), por essa razão, “assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 1994, p. 87). Assim, este trabalho pretende analisar três longa-metragens que retratam essas perspectivas e os reflexos da solidão em duas das maiores metrópoles da América do Sul (São Paulo e Buenos Aires) a partir de semelhanças narrativas. Não por acaso (2007) de Philippe Barcinski, *O signo da cidade* (2007) de Carlos Alberto Riccelli e *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual* (2011) do diretor argentino Gustavo Taretto. Embasado nesse corpus fílmico, trabalha-se a hipótese de que cada diretor exprime a sua paisagem e enquadra as suas perspectivas sobre a supermodernidade ao filmar as cidades. Essas são janelas, que embora globalizadas, traduzem diferentes realidades padecentes dos males superinformativos que afligem a todos, independente da cidade e até do país.



Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Editora Papirus. São Paulo. 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1999.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Livraria Fontes Editora. São Paulo, 2007.

COSTA, M. H. B. V. **Espaços de subjetividade e transgressão nas paisagens fílmicas**. Pro-posições, Campinas, v.20, n. 3 (60), p. 109-119, set/dez. 2009.

COSTA, M. H. B. V; JUNIOR, G. H. G. Aproximando intervalos: paisagens e discurso em Amarelo Manga. Intervalo II: **Entre geografias e cinemas**, Edição 2015, p.299-315.

A chegada do trem na estação. Direção: Auguste Lumière e Louis Lumière. Produção: Lumière. França, 1895. (50 segundos).

Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual. Direção: Gustavo Taretto. Produção: Televisio de Catalunya (TV3). Argentina: IMOVISION. 1 DVD (95 min).

Não por acaso. Direção: Philippe Barcinski. Produção: O2 Filmes. Brasil: Fox Filmes do Brasil, 2007. 1 DVD (90 min).

O signo da cidade. Direção: Carlos Alberto Riccelli. Produção: Globo Filmes. Brasil: Europa Filmes, 2007. Netflix (97 min).